

da verdade e do ser real... Este combate contra a ciência é dirigido: 1.º—contra o seu patético, a objectividade; 2.º—contra os seus meios (isto é, contra a sua própria possibilidade) e contra os resultados que ella obtem (êstes são tratados como infantis). E' o mesmo combate que mais tarde verêmos continuar-se sob a égide da Igreja, em nome do pietismo; servirá então todo o arsenal antigo. Ver-se-á aí a teoria do conhecimento desempenhar o mesmo papel que em Kant e nos Hindús. «O que elles odeiam, é a progressão passo a passo, a vontade de não atingir, o esforço continuo que não perde o fôlego e a indiferença pessoal própria do homem de ciência (1).

E Nietzsche acrescenta: «Como é que o filósofo se comporta em face de seus ativais, por exemplo, em face da ciência? Torna-se cético; reserva para seu uso pessoal meios de conhecimento especiais que recusa ao homem de ciência. Marcha de mão dada com o padre para não atrair a suspeita de materialismo e ateísmo. Considera todo o ataque dirigido contra elle como um atentado à virtude, à religião e à ordem e, por outro lado, sabe muito bem lançar a suspeita sobre o adversário que trata de seidutor e fomentador de maquinações subterrâneas. Apoiase sobre as potencias do momento...»

Assim fallava Nietzsche; não se pode fazer mais candente condenação do filosofismo metafísico tipo Bergson, Spann ou Heidegger; e a questão foi definida, nas frases citadas, sob o ponto de vista temperamental, epistemológico e moral, por uma forma tal que tais frases têm absoluta applicação a qualquer pretensão metafísica.

Por seu turno, nos tempos de hoje, H. Driesch, um metafísico, —mas neste caso um metafísico honesto e sincero—faz-nos na sua «**Metafísica**» esta afirmação típica, a saber: «**DEVEMOS CONFESSAR QUE A METAFISICA,**

ATE' HOJE, NÃO TEM SIDO UMA COISA SERIA. Não se pode formular mais nítida e insuspeita condenação histórica e moral, porque, se a Metafísica, com séculos e séculos de existência, não tem conseguido até hoje ser uma coisa séria, é bem provável que o não consiga ser jámais: pelo menos não o é ainda hoje, e isto na confissão formal de um dos metafísicos mais categorizados.

A attitude de Driesch tem mesmo um alto significado, porque revela, como veremos, a necessidade temperamental da metafísica em choque e conflito com a sua falência, facto capital da sua evolução.

Assim, as pretensões e a megalomania do filosofismo, acima exemplificadas com citações típicas de Heidegger e Spann, são estigmatizadas pelos próprios metafísicos honestos, ou por espiritos da penetração de Nietzsche.

Isto, porém, não impede que tais manias se mantenham e sirvam mesmo de motor a toda uma literatura filosofista que continua em dias de hoje: e a razão disso são as condições temperamentais, históricas e morais a que já nos referimos.

//

Mas a par e passo que esta retórica pretenciosa peja as páginas dos Bergson, dos Boutroux, dos Spann, Heidegger e tantos outros — pois são legião — a própria evolução das ciências e da filosofia científica veio conduzir as coisas para uma situação singularmente imprevisível.

Com effeito, todos os pensadores da grande corrente empirio-lógica contemporânea são unânimes em considerar a Metafísica, baseando-se nos resultados da análise lógica e em outros, não como falsa, não como verdadeira, mas sim como **desprovida de sentido**: attitude competentemente nova na história do pensamento. Carnap, Schlick, Hans Hahn, Reichenbach, Ph. Frank, Heisenberg, Dirac, para não citar senão os mais notáveis e recentes, estão de acôrdo neste ponto; e a elles se ajuntam Marcel Boll, Rougier e outros, a par e passo que o movimento empirio-lógico se internacionaliza e adquire um carácter histórico. (Ver a este respeito o trabalho de Carnap: **Scheine probleme der Philosophie**, Os pseudo-problemas da Filosofia).

Heisenberg, por exemplo, uma das figuras dominantes do pensamento contemporâneo e um dos fundadores da mecânica quântica, assim se exprime: «E' preciso bem penetrar o seguinte: e é que a linguagem humana permite, de uma maneira geral, construir frases das quais é impossível tirar qualquer consequência, e que são inteiramente vagas de conteúdo; estas frases, no entanto, evocam imagens de um género especial. Por exemplo, se se diz que, além do nosso mundo, há um outro mundo com o qual não é possível pormo-nos em relações, é isso uma afirmação que não comporta nenhuma sequência, e que no entanto evoca certas representações em nossa imaginação. Evidentemente, uma afirmação como esta não pode ser provada nem refutada. Devemos, pois, ser muito prudentes no emprego de termos tais como: «mundo verdadeiro», porque se é conduzido muito facilmente por elles a servirmo-nos de enunciados análogos aquêles de que acabamos de falar».

Dirac, outro dos eminentes fundadores da mecânica quântica, exprime-se da mesma maneira e o mesmo faz, sensivelmente, o illustre Schrödinger, o fundador da mecânica ondulatória. Assim, de Mach aos tempos de hoje, passando por Wittgenstein, a opinião filosófica neo-positivista condenou formalmente o **real transcendente**, o **noumeno**, a **coisa em si**, o **real absoluto**, o **mundo verdadeiro**, ou como se lhe queira chamar, definindo esta condenação não com uma afirmação ou negação da realidade, mas como uma falta de sentido lógico, uma **FALTA DE CONTEUDO**: as afirmações ou negações do real absoluto são simples alinhamentos de palavras.

Isto é capital; marca uma era filosófica, como a marcou a criação do Noumeno Kantiano; não podemos, porém, desenvolver esta questão aqui, enviando os leitores para os trabalhos de Carnap (in «Actualités Scient.» e «Erkenntnis»), de Schlick (Idem) e para os artigos do «Erkenntnis», de Marcell Boll, de Rougier, etc. Pode ainda o leitor informar-se amplamente sobre o assunto consultando o livro recente e magnífico de Ph. Frank, «Le Principe de causalité et ses limites», Cap. VII, intitulado «Du monde prétendu vrai», cujos parágrafos seguintes: «Le réel et l'apparent», «Que signifient en physique les expressions réel et apparent», «Quel est le sens du monde vrai», etc., etc., em número de 21, são capitais e absolutamente actualizados.

(1) E' a preguiça mental confessada pelo próprio Bergson nesta frase: «Esta dissolução dos elementos constitutivos da ideia que vai dar à abstracção é muito cômoda para que a dispensemos na vida ordinária, e mesmo na discussão filosófica.»